

MARIA NORBERTA AMORIM

A INSTABILIDADE DA POPULAÇÃO
NOS FINAIS DO SÉCULO XVI.
ALGUNS DADOS SOBRE O NORTE DO PAÍS

Câmara Municipal de  Guimarães
2004



A instabilidade da população nos finais do século XVI. Alguns dados sobre o Norte do País

por

MARIA NORBERTA AMORIM

(Núcleo de Estudos da População e Sociedade - Universidade do Minho)



A INSTABILIDADE DA POPULAÇÃO NOS FINAIS DO SÉCULO XVI. ALGUNS DADOS SOBRE O NORTE DO PAÍS

O primeiro *numeramento* geral da população portuguesa, elaborado por motivos militares, data da primeira metade do século XVI (1527-1532) e só no início do século XVIII, com a *Corografia* do Padre Carvalho da Costa (1706), se contabilizaram de novo dados demográficos para todo o país.

Em número redondos, em 1527-32 a população portuguesa andaria pelos 280 mil fogos, à volta de 1,2 milhões de habitantes. Em 1706 contar-se-iam cerca de 580 mil fogos, o que poderia equivaler a números próximos dos 2,5 milhões de habitantes. A duplicação da população não teria sido linear. José Vicente Serrão na sua *tentativa de reconstituição da evolução da população portuguesa entre 1520 e 1800*, admite um «crescimento muito intenso (da ordem dos 0,8% ao ano) durante a maior parte do século XVI, seguido duma desaceleração após 1580. Cerca de 1620 ter-se-á atingido um máximo teórico de 475 mil fogos. Entre essa data e c.1660, a população terá entrado numa fase de recessão ou de estagnação, com o ponto mais baixo em 1640 (466 mil fogos), ao que se seguiu um novo período de crescimento mais modesto, com taxas anuais à roda de 0,43%»¹.

Dadas as reais dificuldades de acompanhar o evoluir da população no período², seria de exigir à Demografia Histórica uma aplicação particular sobre as suas fontes clássicas, os registos de baptizados, casamentos e óbitos. No entanto, os registos paroquiais, para a época, não cobrem o país de forma satisfatória e as listas de habitantes são pouco frequentes antes do século XVIII. Das 3986 paróquias que analisámos, com base no *Inventário Colectivo dos Registos Paroquiais Portugueses*³ e na nossa própria investigação, verificámos que apenas 33% tinham registos paroquiais de algum tipo anteriores ao século XVII, com diferenças regionais marcantes. Para os distritos de Bragança e Vila Real encontramos menos de 20% de paróquias com registos anteriores a 1600; com percentagens entre 20% e 29% posicionam-se os distritos de Beja, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu; entre 30% e 39%, situam-se os distritos de Aveiro, Évora, Faro e Viana do Castelo; entre 40% e 49%, surgem os distritos de Braga, Coimbra, Lisboa e Portalegre; na posição mais privilegiada aparece o distrito do Porto com 65% das suas paróquias a conservar registos do século XVI.

À inexistência frequente de registos somam-se as dificuldades de tratamento das séries mais antigas. Embora uma boa parte das lacunas de informação se apre-

¹ José Vicente SERRÃO, «O quadro humano», 4.º vol. da *História de Portugal* dirigida por José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 50-51.

² No referido trabalho, José Vicente Serrão refere as disparidades das «atitudes historiográficas» para a época da Restauração.

³ Publicação da Secretaria de Estado da Cultura e Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2 vols., 1993 e 1994.

sentem claramente detectáveis, uma crítica cuidada da fonte impõe-se caso a caso. Assim, só a partir da análise crítica das séries disponíveis, se poderá ir delineando, a médio ou longo prazo, um quadro mais geral.

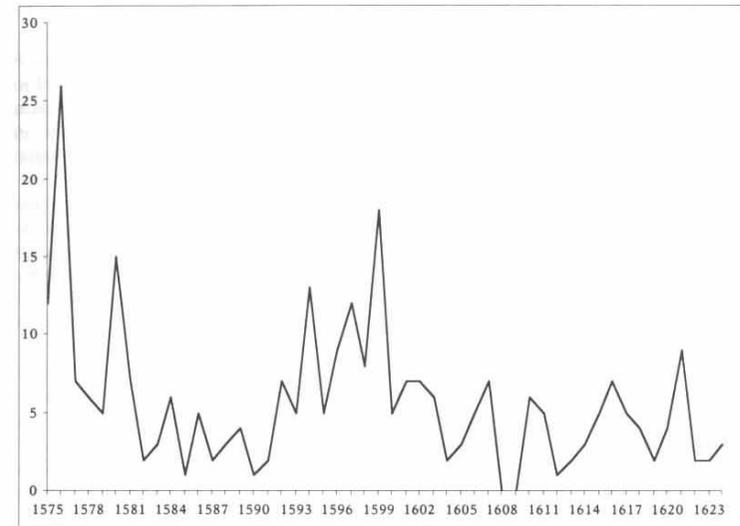
António de Oliveira foi o primeiro autor a recorrer sistematicamente às séries de baptizados, casamentos e óbitos para uma aproximação à dinâmica demográfica anterior a 1640⁴. Debruçando-se sobre a cidade de Coimbra e algumas paróquias rurais do termo, evidencia a instabilidade da população no último quartel do século XVI, com o último ano do século a apresentar-se particularmente gravoso. Séries levantadas para o Nordeste Transmontano e Baixo Minho, particularmente as séries dos óbitos, vinculam a visão de um quarto de século perturbador.

Embora seja o Nordeste a zona mais desfavorecida em termos de conservação dos registos de baptizados, casamentos e óbitos, foi precisamente sobre uma paróquia transmontana, Rebordãos, do concelho de Bragança, que se publicaram em 1973 os primeiros dados sobre comportamentos demográficos do Antigo Regime português com base na reconstituição de famílias⁵. Situando-se para Rebordãos o início dos registos paroquiais apenas no fim da primeira década do século XVII, foi com um estudo sobre Cardanha⁶, concelho de Torre de Moncorvo, publicado já em 1980, que se viria a dar conta da profunda crise demográfica dos finais do século XVI nessa região.

Em Cardanha verificamos um abaixamento muito significativo do número de nascimentos a partir de 1596 que se acentua no primeiro quartel do século seguinte. Entre 1574 e 1595 a média anual dos baptizados foi de 19, chegando a atingir para o ano de 1581 os 28 nascimentos. Para o período entre 1596 e 1624 encontramos uma média anual de 11 nascimentos, média que viria a baixar na centúria seguinte⁷.

Anos de fome e de crise de mortalidade parecem estar na base das acentuadas dificuldades na renovação das gerações. Embora sem contarmos com o registo de óbito dos menores de sete anos, uma clara sobremortalidade pode ser observada nesse quarto de século para os anos de 1575, 1576, 1580, 1594, 1597 e 1599, com relevo para os anos de 1576 e 1599 (Gráfico I). A média anual no meio século que medeia entre 1575 e 1624 foi de 6 óbitos de população adulta. Se retirarmos os anos de crise, considerando apenas os 44 anos de *mortalidade normal*, a média reduz para 4 óbitos em cada ano.

GRÁFICO I
Evolução dos Óbitos dos maiores de 7 anos em Cardanha
(1575-1624)



O ano de 1574 foi de fome declarada em Trás-os-Montes, na Beira, e Entre Douro e Minho e, embora o ano seguinte fosse mais farto, logo 1576 voltou a ser um ano de fracas colheitas, tanto de azeite como de pão. Em princípios de 1575, a falta de pão, sobretudo no Norte do País, era tão grande «que não havia na memória dos homens outra semelhante»⁸. Além da fome, a peste é identificada nesse ano, nomeadamente em Guimarães, e é de admitir que tivesse afectado Cardanha. De Janeiro a Agosto de 1575 apenas haviam sido registados três óbitos em Cardanha; de Setembro a Dezembro morreram 9 pessoas, o que parece exceder a *mortalidade normal*. Se em Janeiro e Fevereiro do ano seguinte, o de 1576, apenas dois óbitos foram registados, os meses que se seguiriam foram de crise declarada, com mais 24 mortos adultos até ao final do ano. Só no mês de Abril foram registados 6 defuntos.

O ano de 1580 foi de peste em Lisboa e em outras zonas do país. Cardanha possivelmente terá sofrido também os seus efeitos. Morreram nesse ano 15 adultos, 9 deles nos meses de Setembro, Outubro e Novembro. Segue-se depois um período de

⁴ A vida económica e social de Coimbra de 1737 a 1640, Volume I, pp. 142-297.

⁵ M. Norberta de S. B. AMORIM, *Rebordãos e a sua População nos séculos XVII e XVIII. Estudo Demográfico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

⁶ (M.) Norberta AMORIM, *Método de exploração dos livros de registos paroquiais e Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, Lisboa, INE, Centro de Estudos Demográficos, 1980.

⁷ Ainda na terceira década do século XVIII a média anual de baptizados foi apenas de 8.

⁸ António de OLIVEIRA, *ob. cit.*, pp. 256-257.

mais de uma década em relativo equilíbrio, para voltarmos a encontrar em 1594 novo avolumar de óbitos, sem notório paralelismo em outras regiões. Nesse ano foram registados em Cardanha 13 defuntos, 10 deles entre Agosto e Dezembro. O ano de 1597 foi um ano calamitoso em termos de falta de pão, vinho, azeite, legumes e frutas⁹, com reflexos mais uma vez na curva de óbitos de Cardanha. Foram então 12 os defuntos registados, novamente com maior incidência na segunda metade do ano.

A peste de 1599 também não poupou Cardanha. Foram registados 19 óbitos, 8 deles nos meses de Abril e Maio. A falta de testamento por parte de um indivíduo casado, falecido em 25 de Abril desse ano, contrariando o hábito da freguesia para os possuidores de algum tipo de bens, parece indicar mortalidade apressada ou anormal. Admitimos que o contágio seguisse um circuito através da vizinha Espanha, considerando que Cidade Rodrigo foi afectada com máxima intensidade precisamente no mês de Abril desse ano¹⁰. A morte no mês de Maio de três jovens que, pela reconstituição de famílias sabemos que teriam 15, 17 e 18 anos, respectivamente, a par de indivíduos casados com filhos pequenos, parece confirmar o ataque da peste¹¹. Embora o número de defuntos registados em 1599 se coloque aquém dos valores de 1576, a população já estava então em queda declarada. No triénio de 1581 a 1583 a média de baptizados fora de 21; dez anos passados, entre 1591 e 1593, a média colocava-se nos 13 nascimentos por ano.

Localizando-se entre 1594 e 1599, no curto espaço de seis anos, três crises de mortalidade, os mecanismos de recuperação da população não reagiram no nível adequado e até ao fim do século XVIII a paróquia não viria a atingir os níveis de população da penúltima década do século XVI.

No entanto, apesar da sua gravidade, admitimos que a peste de 1599 não tenha, no nordeste transmontano, atingido os níveis de virulência encontrados por Vicente Pérez Moreda para algumas regiões da *Espanha Interior*: 40% de falecidos foram valores calculados pelo autor em amostras das zonas de Madrid, Guadalajara, Segóvia, Ávila e Salamanca. A amostra da zona de Cidade Rodrigo, mais próxima da fronteira portuguesa, colocava-se em posição menos crítica¹².

Entre Maio e Dezembro de 1599 apenas foram registados 3 casamentos em Cardanha, sendo um deles entre viúvos e outro em que a noiva tinha apenas 17 anos de idade. No ano de 1600 foram 7 os casamentos registados, subindo para 11 no ano seguinte, o maior número de casamentos dos 227 anos observados. Perturbado o mercado matrimonial no ano da crise, nos anos seguintes avolumaram-se os casamentos, mas sem grande efeito em termos de recuperação dos efectivos populacionais. Dos 21 casais consorciados no triénio 1599 a 1601, apenas 12 permaneceram em Cardanha. Os restantes ausentaram-se da freguesia. Uma idade elevada ao pri-

meiro casamento, da ordem dos 29 anos para o sexo masculino e dos 27 anos para o feminino, ao longo do século XVII, que subiu para 30 e 28, respectivamente, no século seguinte, não foi de molde a permitir o crescimento, num sistema em que a mortalidade tanto nas primeiras idades como nas idades adultas não se apresentaria favorável.

Embora sem recurso às séries de casamentos e óbitos, a série de baptizados de outra paróquia transmontana, Poiares, do concelho de Freixo de Espada à Cinta, que se inicia em 1561, veio reforçar a ideia de decréscimo ou estagnação da população do Nordeste ao longo dos séculos XVII e XVIII, em contraste com a maior pujança demográfica anterior à última década do século XVI¹³ (Gráfico II).

De facto em S. Pedro de Poiares, a média anual de baptizados entre 1561 e 1593 foi de 28, passando nos trinta anos seguintes para 22 baptizados em cada ano. Dois séculos passados, entre 1795 e 1830, a média anual descera para os 21 nascimentos. É de admitir que, tal como em Cardanha, a população de Poiares tenha sido gravemente afectada pelas fomes e pestes dos finais do século XVI. A margem de recuperação das populações, particularmente após a peste de 1575, seria já escassa, dadas as sucessivas crises agrárias, e foi uma população já em declínio que chegou a 1599. De facto, no triénio de 1570 a 1572 a média de nascimentos colocava-se em Poiares nos 34 nascimentos/ano; depois de 1575, no triénio 1579 a 1581, a média posicionava-se já nos 24 nascimentos, para descer aos 19 nascimentos/ano no triénio 1594 a 1596. O sistema demográfico não se mostrou capaz, mesmo a longo prazo, de recuperar as perdas sofridas. Apesar da ausência de graves crises de mortalidade adulta ao longo do século XVII e XVIII, uma mortalidade de menores de sete anos que calculámos ser superior a 400 por mil e moderadas taxas de fecundidade, não permitiram o crescimento, apesar da idade média ao primeiro casamento e o celibato definitivo femininos se colocarem em posição mais favorável do que em Cardanha (as mulheres casavam à volta dos 25 anos; entre 14 e 16% chegavam aos 50 anos no estado de solteiras).

⁹ Idem, *ibidem*, p. 269.

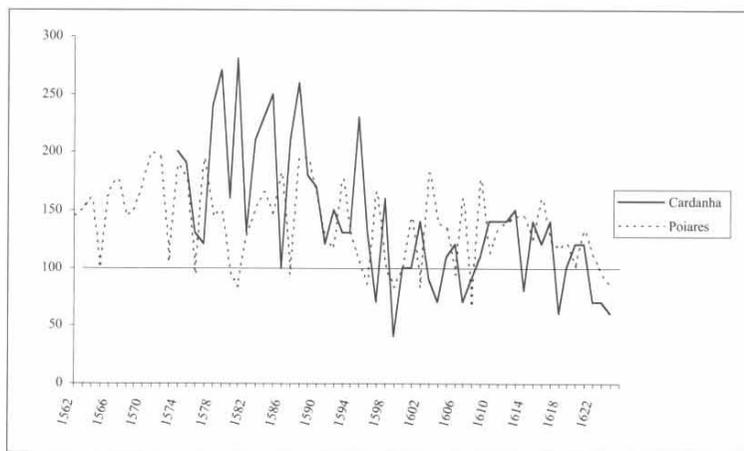
¹⁰ Vicente Pérez MOREDA, *Las crisis de mortalidade en la España Interior (siglos XVI-XX)*, Madrid, Siglo XXI, 1980, p. 267.

¹¹ Segundo A. B. APPLEBY, citado por Vicente Pérez MOREDA, *ibidem*, p. 274, o grupo de idades mais castigado pela peste bubónica nos tempos modernos era o compreendido entre os 10 e os 35 anos.

¹² Idem, *ibidem*, p.261.

¹³ Maria Norberta AMORIM, «S. Pedro de Poiares e a sua população de 1561 a 1830», *Brigantia*, 1983/1984.

GRÁFICO II
Evolução dos Baptizados
Comparação entre Poiares e Cardanha
Índices (1600=100)



Um outro sistema demográfico permitiria que o Noroeste do país, apesar de não imune às crises dos finais do século XVI se viesse a afirmar como um banco de população, pronto a suprir as cidades e servir a expansão ultramarina.

Uma mortalidade suave para crianças e adultos em período de Antigo Regime e taxas de fecundidade relativamente favoráveis, apesar das elevadas idades médias ao primeiro casamento, condicionariam um crescimento acelerado da população que só os fenómenos migratórios moderariam.

O cronista Crasbeeck, nos inícios do século XVIII, nas suas *Memórias Ressuscitadas*, ao referir-se às pestes que assolaram Guimarães nos finais do século XVI, identifica a de 1575 e a de 1599, dando relevo particular a esta última¹⁴. Embora relativamente alargado, no trabalho comparativo que desenvolvemos sobre a área de Guimarães¹⁵ (quatro paróquias urbanas, Oliveira, S. Paio, S. Sebastião e S. Miguel do Castelo, duas de transição que designámos de *mistas*, Creixomil e Azurém, e

quatro rurais enquadrantes, Mesão Frio, Costa, Urgeses e Fermentões, e ainda sobre as paróquias rurais do mesmo concelho, Ronfe, Brito, Silvares e Ponte), as lacunas ou a falta de rigor dos assentos do período não nos permitem avaliar com segurança sobre a importância relativa dessas duas maiores crises de mortalidade.

No que se refere à peste de 1575, apenas temos dados sobre duas das paróquias analisadas. Em Urgeses foi elaborada uma lista de óbitos de difícil leitura, sem indicação de data, mas intercalada entre um assento de Fevereiro de 1575 e outro de Setembro do mesmo ano. Contam-se nessa lista 10 defuntos, que supomos terem perecido da peste. Em Ronfe o calendário da epidemia parece não ter sido coincidente. O maior volume de óbitos coloca-se entre Setembro e Dezembro, falecendo então 11 pessoas. Considerando o ritmo de nascimentos nas duas paróquias e o facto de apenas serem registados os adultos, calculamos que a crise tivesse afectado letalmente à volta de 10% da população dessas freguesias, quadro que eventualmente se estenderia à população rural da área.

No que respeita à crise de 1599, os dados são mais abundantes. O pároco de S. Sebastião, o de Azurém e o de Fermentões deixaram registados os falecidos de peste, sendo mais tardios os registos de S. Paio, Mesão Frio e Costa e lacunares os da Oliveira, Creixomil, Urgeses, Ponte e Brito. A considerar como sistemáticos os registos de Ronfe, a peste não parece ter afectado a paróquia.

Para a freguesia da Oliveira o último registo de óbito que possuímos desse ano é de um mercador, Salvador Pires, registo datado de 28 de Maio. Admitimos que esse mercador fosse o referido pelo cronista Crasbeeck quando escreve que «se veio hum homem de Lixboa natural desta villa fogindo da de Lixboa (da peste)¹⁶ o qual vinha já ferido desse mal e (...) o qual dahi a poucos dias morreo, e dahi se veio atear este mal»¹⁷. De facto, depois do registo de óbito de Salvador Pires e até Janeiro do ano seguinte nenhum assento de baptismo, casamento ou óbito foi feito na Oliveira, só se normalizando a vida paroquial no Agosto que se seguiu.

Na zona urbana é para S. Sebastião que penetramos na dimensão da tragédia. Um título ou lembrança da gente que faleceu de peste nesta freguesia permite-nos contar 341 pessoas, numa lista organizada pelo pároco André Freire¹⁸, o pároco que confessou parte dos atingidos e ajudou a sepultá-los, assistindo no seu posto a toda a peste, segundo a sua própria informação. A lista está ordenada por ruas e, segundo pensamos, casa por casa. No entanto, numa das ruas da freguesia, a Rua Nova das Oliveiras, o somatório dos nomes apontados (incluindo os escritos posteriormente) é inferior em 5 elementos à contagem do pároco, que acrescentou à lista o nome do Vigário Gonçalo Dias e outros, identificando no final da lista apenas mais dois residentes nessa rua, António Gonçalves, tecelão, e sua mulher, Vitória Rebela.

¹⁴ Francisco Xavier da Serra CRASBEECK, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho... anno de MDCCXXVI*, ms. do ANTT, fols. 58-59 v.

¹⁵ Idem, *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico*, Lisboa, INIC, 1987.

¹⁶ Em Lisboa, segundo Teresa RODRIGUES, em *Crisis de Mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 119, a fase aguda da crise de mortalidade que se arrastou de 1596 a 1604, foi o ano de 1599, de Janeiro a fins de Abril.

¹⁷ Francisco Xavier da Serra CRASBEECK, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho...ano de MDCCXXVI*, ms. do ANTT, fol. 58-59 v.

¹⁸ Os nomes de duas pessoas foram anexados posteriormente no fim da lista.

Na Rua do Tournal, uma rua de classe média alta, em que era corrente falecer com testamento, foram afectadas apenas oito fogos. Em seis deles faleceu uma pessoa, num outro faleceu um homem e sua mulher e no último uma mulher, sua filha e um cunhado. Nenhum artífice é referido.

Na Rua Nova das Oliveiras, rua de artífices e gente pobre, a peste deve ter dizimado famílias inteiras. Foram afectadas 18 famílias e só em quatro delas faleceu apenas uma pessoa. Num caso morreram seis pessoas, o forneiro Miguel Fernandes, sua mulher, três filhos e o sogro. Num outro caso morreram cinco pessoas, Francisco Ribeiro, mulher, e três filhos. Gaspar Fernandes, sapateiro, e três filhos também faleceram, assim como o Teixeira, cutileiro, sua mulher, sua sogra e uma filha. Em quatro casos morreram três pessoas por família, e em cinco morreram duas pessoas. O nome do Vigário Gonçalo Dias foi acrescentado à lista inicial e não sabemos se os outros que o padre André Freire refere a seguir seriam ou não familiares do próprio Vigário. Além do forneiro, do sapateiro e do cutileiro referidos e ainda do tecelão cujo nome se acrescentou posteriormente, um outro sapateiro, Mateus Fernandes, pereceu na peste com sua mulher.

Na Rua Travessa foram 27 os falecidos, tendo sido afectados 14 fogos. Em dois desses fogos morreram quatro pessoas, num dos casos morreram um casal e duas filhas, no outro caso, uma mulher e três filhas. Com três pessoas falecidas encontramos um fogo. Em cada um de cinco fogos faleceram duas pessoas, falecendo isolados os restantes cinco defuntos. Dois cutileiros, um banheiro e um besteiro foram identificados, além de Inês do forno, que faleceu com seu marido e uma sobrinha.

Na Rua das Molianas foram 55 os registados, tendo sido afectados 26 fogos. Quatro pessoas morreram em cada uma de quatro casas, em cada uma de cinco casas morreram três pessoas e em cada uma de sete casas faleceram duas pessoas. Os restantes dez falecidos apresentam-se isolados. Mais do que nas outras ruas já analisadas, as crianças e jovens foram na Rua das Molianas particularmente afectados. Dos 55 defuntos registados, 30 eram familiarmente dependentes, sem nome referido, designados como filhos, mas também como crianças ou meninos/as. Nesta rua encontramos referência a um forneiro, Sebastião Gonçalves, que faleceu com sua mulher e dois filhos, a um ferreiro, Melchior Gonçalves, que faleceu com uma filha, a outro ferreiro, Tomé Pires, que viu falecer quatro filhos crianças, a um banheiro falecido, apresentado como genro de Antónia Ferreira, também falecida, e ainda a um torneiro, Francisco Fernandes, que faleceu com dois filhos, além de um clérigo jovem.

Para a Rua dos Couros e Além do Rio encontramos registadas 84 pessoas, tendo sido afectados 40 fogos. Para dois casos morreram, em cada família, seis pessoas, num outro caso morreram cinco. Famílias com quatro pessoas a falecer encontramos cinco, com três pessoas a falecer foram quatro famílias. Em sete casos, em cada família faleceram dois membros. Nos restantes 21 casos apenas faleceu uma pessoa. Admitimos que a estrutura familiar do lugar apresentasse um maior número de *isolados*. De facto, a frequência de mulheres como chefes de fogo, 24 casos para 16 chefiados por homens, e as alcunhas que recebem, parecem apontar para a residência de mulheres solteiras marginalizadas, isoladas ou com filhos Além de

mulheres identificadas apenas pelo nome próprio, encontramos as alcunhas de Caneca, Negrita, Janebra, Zagaia, Rainha, Tochinha e Rabiça. Um clérigo, um carcereiro e um atafoneiro são os únicos homens a quem é referida uma profissão.

Na Rua Caldeiroa foram 45 os mortos registados, com maior dispersão familiar. Foram 28 as famílias afectadas, embora não tenhamos certeza se algumas mulheres solteiras referidas sequencialmente pertenciam ou não à mesma família. Em duas famílias morreram quatro pessoas em cada, em três famílias morreram três pessoas. Em 18 casos apenas faleceu uma pessoa e nos restantes casos faleceram duas. Um clérigo e uma criada são as únicas ocupações identificadas nesta rua.

Na Rua de Trás-o-Muro faleceram 25 pessoas. Em 11 casas afectadas, numa delas faleceu um tecelão, Amador Fernandes, a mulher, a sogra e quatro filhos, num total de sete pessoas. Duas famílias foram afectadas com a morte de três membros e quatro famílias com a morte de duas pessoas. Nas restantes quatro casas afectadas apenas faleceu uma pessoa. Um alfaiate, António Afonso, morreu com a mulher e uma filha. Um ferreiro Gonçalo Lopes faleceu com a mulher, sendo estas as profissões apontadas para os falecidos nessa rua, além de uma criada e de uma ama e do tecelão referido.

Além da Ponte do Campo faleceram 38 pessoas, sem grande clareza da repartição familiar. Admitimos que 22 casas tenham sido afectadas. Em 13 casas apenas terá morrido uma pessoa, em quatro casos, duas pessoas por família, noutros quatro casos, três pessoas por família, e numa família morreram cinco pessoas. Excluindo os casos dos familiarmente dependentes, sem nome referido, encontramos como chefes de fogo 14 mulheres e apenas 4 homens. Aqui também a dominância seria de mulheres isoladas, com ou sem filhos. Um alfaiate, Mateus Fernandes, foi um dos falecidos. Faleceu também a mulher de um tanoeiro, cujo nome não é indicado. São essas apenas as referências a profissões nesta rua.

A lista finaliza com o lugar dos Moinhos e Carrapatosa, onde faleceram 9 pessoas em apenas quatro casas. Em duas dessas casas morreram três pessoas, numa outra morreram duas e na última faleceu uma pessoa. Tratava-se de um lugar periférico da freguesia, já de transição para a zona rural.

Parece depreender-se do acompanhamento da dimensão da tragédia que as ruas mais penalizadas foram as de gente pobre e de povoamento concentrado. A Rua do Tournal e a zona da Carrapatosa, a primeira de gente economicamente mais favorecida e a outra de povoamento disperso foram aquelas em que menos ocorrências se verificaram.

Iniciando a série com a indicação de que *estes são os que faleceram no ano da peste da era de 99 anos*, sem indicação de dia ou de mês, em Azurém, o pároco elaborou um assento para cada família afectada, referindo se os falecidos haviam deixado herdeiros ou testamentários que lhes sufragassem as almas ou se eram pobres, sem capacidade para tal.

Foram 49 as famílias afectadas e 102 os defuntos registados. Em cada uma de quatro famílias faleceram cinco pessoas, não havendo em três dos casos indicação de sobreviventes que sufragassem as suas almas. Encontramos depois três casos de famílias com quatro elementos falecidos, oito famílias com três elementos falecidos

e 12 famílias com dois elementos falecidos. Em 22 casos apenas é indicado o falecimento de um indivíduo.

A zona mais atingida pela peste foi a Rua do Cano onde vivia população mais desprotegida, famílias pobres e mulheres isoladas. Aí contaram-se 14 casas atingidas, seguindo-se a Rua de Santa Luzia, com 10 casas. Não foi referida a residência em 11 casos, dispersando-se os outros atingidos por distintos lugares e quintas.

Debruçando-nos sobre a zona do Cano, verificamos que em 9 dos 14 casos observados a família era pobre ou muito pobre, com grande frequência de mulheres solteiras, com alcunhas, indicação quase certa de que se tratava de mulheres com comportamento considerado irregular. Na Rua de Santa Luzia as poucas famílias de artífices identificadas eram também pobres, como foi o caso de Salvador Fernandes, alfaiate, a quem morreu a mulher e dois filhos, ou de Gonçalo Lopes, tecelão, que faleceu com sua mulher e dois filhos.

Mais uma vez se verifica que foi a população mais carente e a que vivia em zonas de povoamento mais concentrado aquela que mais foi afectada pelo flagelo.

Em Fermentões, no mês de Julho, inicia-se uma série de quatro assentos, sem indicação de dia do falecimento, que supomos de empestados. Fora da ordem cronológica, foram referidos ao mês de Agosto três outros defuntos, também sem indicação de dia. No dia 8 de Setembro há outro registo, e dois no dia 10 do mesmo mês. Ainda em Setembro, mas sem indicação de dia, foram registados dois outros defuntos. Ao todo seriam 12 as pessoas falecidas com a peste. O último assento feito nesse ano, também sem indicação de dia, fora da ordem, é referido ao mês de Março. Consideramos que este não seria um caso de peste. O último defunto que admitimos ter falecido antes da peste foi registado no dia 15 de Abril. A peste deve ter entrado na freguesia em Julho, arrastando-se até Setembro. O povoamento disperso seria uma das defesas da população rural.

Só de forma aproximativa se pode estimar a percentagem de falecidos em consequência da peste em cada uma das freguesias em que os mesmos foram registados.

Considerando a média de nascimentos nos dez anos anteriores em cada uma das freguesias e uma taxa de natalidade à volta dos 30 por mil em S. Sebastião e Azurém, onde a importante percentagem de isolados não favoreceria elevadas taxas de natalidade, admitimos que as populações respectivas andariam à volta de 1500 e 320 pessoas, respectivamente. Se aceitarmos que todos os defuntos foram registados, crianças e adultos, a percentagem de falecidos em S. Sebastião andaria à volta dos 23%, e em Azurém colocar-se-ia nos 32%. Não nos repugna pensar que em ambos os casos haveria subregisto e que as percentagens tivessem sido de facto mais elevadas¹⁹. No caso de Fermentões, com uma taxa de natalidade possivelmente mais elevada, a população poderia aproximar-se de 220 efectivos. Se apenas tivessem fale-

¹⁹ A mortalidade média no decurso deste tipo de epidemia seria da ordem dos 60% dos afectados, oscilando a letalidade entre os 90% nos primeiros casos e os 30% no final (Cf. Vicente Pérez MOREDA, ob. cit., p. 280).

cido os registados, poderiam equivaler a 5% da população. Embora não fossem registadas as crianças e não ser certo que todos os adultos o fossem, parece clara a vantagem do mundo rural na defesa contra a epidemia.

Diferenças tão significativas entre a zona rural e a urbana na que respeita à difusão da doença devem procurar-se na mais fácil defesa das gentes do campo para com tão temível *invasor*. Os muros das quintas e os cães de guarda seriam esquemas activos de defesa, mas a dispersão dos lugares, a menor concentração de população nos mesmos, e condições de higiene mais favoráveis seriam também factores positivos. Nas zonas urbanas, quando a peste atacou, todos os que podiam procuraram nos campos a sua *fortaleza*. Aos pobres, que não tinham para onde fugir, só restou esperar o milagre da sobrevivência.

O facto de na freguesia central de Guimarães, a freguesia da Oliveira, a vida paroquial ter sido alterada tem um claro significado. Os dois párocos da freguesia fugiram da peste, como todos aqueles que tiveram possibilidade de o fazer. Segundo o cronista Crasbeeck «foi tão perseverado este mal que dia do Spirito Santo que foi a 30 de Maio, todos os moradores desta villa fogirão e a desampararão, e os da governança, e não ficou pessoa, que pudesse, que não sahisse da villa (...) e durou esta peste desde o dito dia de Spirito Santo 30 de Maio the o mês de Dezembro que se levantou bandeira de saude em os 21 do dito mês que foi dia de S. Tomé morrerão 2 (mil?) pessoas, e quando a gente veio para a villa, havia erva pelas ruas, e pela prassa que a podiam cortar à foicinha...»²⁰.

A vereação da vila ordenara «hua casa de saude na Serra de Santa Catarina (Penha) aonde levavão os empedidos para os curarem e cerurgiões para o dito menisteiro, como foi Salvador do Valle cerurgião, a quem os vereadores davão 40 (mil?) reis cada mês para curar e sangrar na dita casa (...) e toda a gente que na villa adoecia a levavam logo ao Monte de Santa Catarina à Casa de Saude, que a Câmara ahi tinha mandado fazer, e provia de tudo, e nella estavam os religiosos de S. Domingos e de S. Francisco que confeçavão e administravão os mais sacramentos aos enfermos, e todos estes padres morrerão e só hum escapou chamado Frej Gaspar das Chagas da ordem de S. Domingos filho de António Gonçalves. Na dita Casa de Saude havia um coveiro mor que tinha 6 ou 7 criados que não fazião mais que enterrar a gente que morria a qual era cada dia tanta que punha espanto: e dentro nesta Casa ou Cerca se dezia Missa cada dia aos feridos e para esse efeito se fes hum altar de madeira, e os feridos se recolhiam em huas choupanas de torrões, colmassas, que para elles se mandarão fazer; e assim se fes das esmollas que derão os empedidos, e a Irmandade de S. Roque, que ahi está; a qual se erigio depois de se levantar bandeira de saude»²¹.

Após a terrível pandemia de 1348 a Europa Ocidental comprometera as suas populações na defesa contra a peste. Tornara-se o terror dos ricos como dos pobres, preocupação permanente dos magistrados urbanos. As cidades reforçavam as suas

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Idem, Ibidem*.

guardas às *novas* de peste em aproximação. Eram nomeados guardas mores de saúde, reforçadas as muralhas, encerradas as portas, montada vigilância para impedir a entrada de viajantes eventualmente empestados, como de mercadorias suspeitas. A limpeza das casas, das ruas, a queima de plantas aromáticas nas praças, obrigava a todos. Médicos, cirurgiões, farmacêuticos, viam o seu poder reforçado, mas também os clérigos, mediadores espirituais de quem antevia a morte próxima. Se, apesar da prevenção, a peste entrava na cidade, havia que criar novas taxas para acorrer à defesa colectiva, criando os espaços novos para isolar os doentes, contratando profissionais de saúde e coveiros. Para os mais favorecidos pela fortuna, a opção colocava-se entre a fuga para o campo ou a permanência. Para os pobres a hipótese de fuga dificilmente se colocaria. Havia que esperar a protecção das autoridades e pedir a clemência divina com penitências, procissões, promessas aos santos. A vida económica ficava gravemente perturbada, com a produção paralisada, a subida dos géneros e dos salários e as transferências de propriedade pela morte de muitos. Mesmo após o seu domínio, os efeitos das grandes epidemias, demográficos e económicos, poderiam perdurar por longo tempo²².

Bartolomeu Benasser considerou a epidemia de 1596-1602 como a grande peste espanhola, que sendo importada pelo Atlântico, contrariando os circuitos habituais, via Mediterrâneo, «adquiriu uma terrível eficácia: vias não usuais, vias mal defendidas». Para o autor a epidemia encerra uma fase «A» na História de Espanha e inaugura uma fase «B», de dificuldades²³. Não sei se poderemos, no caso do Norte de Portugal e numa perspectiva demográfica, colocar a questão nesses termos.

Embora o último quartel do século XVI possa ter modificado a paisagem humana em Trás-os-Montes, tanto nessa região como no Baixo Minho o século XVII desconheceu as epidemias catastróficas daquele século ou as que viriam ainda afligir em meados do mesmo o sul da Península²⁴. Se, em Cardanha ou Poiares, e nas outras populações da área, até um século XIX bem entrado, a população se acomodou a um sistema demográfico de equilíbrio entre os que nasciam e os que morriam, restringindo o acesso ao casamento, o que condicionava a ausência de muito poucos, no Baixo Minho a situação foi bem diferente.

Embora se possa admitir que a peste de 1599 tenha afectado gravemente não só Guimarães mas também as outras zonas urbanas minhotas, as populações rurais da região terão mostrado capacidade de reacção, mantendo o crescimento e suprimindo as vilas e cidades dos efectivos perdidos.

A principal explicação para a vitalidade minhota talvez se possa encontrar numa suave *mortalidade normal*, com valores muito favoráveis de mortalidade infantil, claramente documentados por Hermínia Barbosa para a comunidade de Esporões, arredores de Braga, para o período de 1590 a 1719. Quocientes de mortalidade

infantil à volta dos 150 por mil nascidos²⁵, longe dos 250 por mil considerados como correntes na Europa do tempo, e a defesa contra a morte catastrófica, seriam de molde a assegurar o crescimento, num sistema que contava com taxas de fecundidade elevadas, muito embora o casamento tardio e a penalização migratória.

Referências

- AMORIM, M. Norberta de S. B., *Rebordões e a sua População nos séculos XVII e XVIII. Estudo Demográfico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
- AMORIM, (M) Norberta, *Método de exploração dos livros de registos paroquiais e Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, Lisboa, INE, Centro de Estudos Demográficos, 1980.
- AMORIM, Maria Norberta, «S. Pedro de Poiares e a sua população de 1561 a 1830», *Brigantia*, 1983/1984.
- AMORIM, Maria Norberta, *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo demográfico*, Lisboa, INIC, 1987.
- BARBOSA, Maria Hermínia Vieira, «Reconstituição de paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade infanto-juvenil da comunidade de Esporões (séculos XVII a XX)», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI, 1998, p.28.
- BENASSER, Bartolomeu, *Recherches sur les grandes épidémies dans le nord de l'Espagne a la fin du XVIe siècle*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1969.
- CRASBEECK, Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho...ano de MDCCXXVI*, ms. do ANTT.
- Inventário Colectivo dos Registos Paroquiais Portugueses*, Publicação da Secretaria de Estado da Cultura e Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2 vols., 1993 e 1994.
- OLIVEIRA, António, *A vida económica e social de Coimbra de 1737 a 1640*, Volume I., Coimbra, 1972
- PÉREZ MOREDA, Vicente, *Las crisis de mortalidade en la España Interior (siglos XVI-XX)*, Madrid, Siglo XXI, 1980.
- RODRIGUES, Teresa, *Crises de Mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.
- SERRÃO, José Vicente, «O quadro humano», 4.º vol. da *História de Portugal* dirigida por José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

22

²² Bartolomeu BENASSER, *Recherches sur les grandes épidémies dans le nord de l'Espagne a la fin du XVIe siècle*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1969, pp. 7-8.

²³ Idem, *Ibidem*, p. 63.

²⁴ A grande peste que abalou Sevilha entre 1648-1650 afectou também o sul de Portugal.

N

²⁵ Maria Hermínia Vieira BARBOSA, «Reconstituição de paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade infanto-juvenil da comunidade de Esporões (séculos XVII a XX)», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI, 1998, p.28.